

# NOTAS INTRODUTÓRIAS SOBRE A MANUALIDADE DO MUNDO EM “SER E TEMPO” (ZUHANDENHEIT)

Jayme Camargo da Silva\*

## Resumo

O filósofo Martin Heidegger explicitou que, a diferença específica entre a existência do homem (Da-sein) e a dos demais objetos da realidade – aos quais denominou como “*Vorhandenheit*” (entes intramundanos ou meramente subsistentes) –, é que o homem ao existir na compreensão do ser, se auto-compreende como ser-no-mundo que é, e assim torna possível a manifestação dos entes subsistentes (circulo hermenêutico). O processo operativo dos modos de ser da existência no cotidiano, se dá através da ocupação (Besorgen) e se manifesta no “ser-em” constitutivo do modo de ser-no-mundo do homem.

## Palavras-chave

Heidegger - Analítica Existencial – Manualidade

## Abstract

The philosopher Martin Heidegger claims the specific difference between Da-sein and another objects on reality – which he designated as *Vorhandenheit* (beings merely existents) – is that Da-sein, by existing inside the understanding of Being, conceives himself as a being-in-the-world that he actually is, and thus it is possible the coming-to-process of beings (hermeneutic circle). The operational process of ways of being in day-to-day existence occurs through concern and manifests itself in being-in, as a constitutional way of being-in-the world.

## Key Words

Heidegger - Existential Analytical - Ready-to-use

*Não me venham com conclusões!  
A única conclusão é morrer.  
Não me tragam estéticas!  
Não me falem em moral!  
Tirem-me daqui a metafísica!  
Fernando Pessoa - “Lisbon Revisited  
1923”*

§1. Pretende-se nestas linhas o estabelecimento de algumas notas acerca do existencial da manualidade do mundo em “Ser e Tempo”. O construto Da-sein se realiza cotidianamente em seu “aí” (Da), assim verificando-se a importância da análise da cotidianidade do Da-sein, enquanto o modo mais imediato de ser-no-mundo.

§2. Os gregos não tematizaram radicalmente sua concepção de mundo, e deixaram de lado, dessa forma, o modo efetivo de acesso às coisas. Consideravam essas, por sua vez, a partir da sua “imediatez” – como entes

meramente subsistentes. Isto é, o Da-sein é o ente formador de mundo devido sua constituição existencial, enquanto que os demais entes diferentes do Da-sein são “intramundanos” (*Vorhandenheit*), vez que existem na realidade simplesmente presentes.

§3. Elucidaremos, brevemente, a questão do “mundo” em Ser e Tempo, na medida em que apenas assim será possível estabelecer o fio condutor da análise da manualidade, ora pretendida.

O fenômeno da estrutura ser-no-mundo caracteriza o Da-sein como transcendência. A perspectiva da transcendência do Da-sein é irreduzível à apreensão intuitiva dos entes enquanto meramente subsistentes. Ao remetermos a análise à transcendência, primeiramente, devemos caracterizá-la negativamente, à medida que a inclinação característica do Da-sein de se interpretar a partir do modo de ser do ente intramundano, exige a desconstrução das concepções que seguem tal orientação, a fim de

---

podermos imediatamente desvelar a originalidade do fenômeno do ser-no-mundo.

A transcendência é constitutiva do homem, visto que o sujeito quando posto em face a objetos – é solicitado a conhecer, ou seja, a ultrapassar a esfera da imanência. Heidegger não aceita, entretanto, essa interpretação gnosiológica da transcendência como relação Sujeito-Objeto, visto que na perspectiva heideggeriana, a transcendência é a condição de possibilidade de toda a atividade humana em geral. O processo de conhecimento dos objetos, portanto, revela apenas essa particular atividade inerente ao homem.

Ser-no-mundo é a expressão que melhor define a transcendência, devendo a sua leitura efetuar-se a partir do “ser-em” (*In-sein*), que se trata exatamente do momento estrutural que unifica Da-sein e mundo em uma totalidade indissociável. Importante esclarecer que, o construto ser-no-mundo se perfaz como uma tese de caráter ontológico, e não como à primeira vista poderia parecer, uma tese fática. Não é o caso, pois assim firmaria a existência do homem como ente subsistente entre os demais entes. Impossibilita-se a leitura do ser-em, dessa forma, como a relação de inerência entre dois subsistentes e, do mundo como totalidade dos entes presentes.<sup>1</sup>

A relação de transcendência se dá a partir do mundo, o que em termos kantianos, aponta que mundo é um conceito transcendental, ou seja, a condição última de possibilidade da experiência em geral. Tem a forma da totalidade (*Ganzheit*) e da significabilidade (*Bedeutsamkeit*), na medida em que determina aprioristicamente o que e o como do aparecer. Não necessitando ser expressamente reconhecido, o mundo distingue-se enquanto *a priori* formal do conjunto existente ao qual abre acesso. (Blanc, s/d, §11-§12).

A estrutura formal da transcendência acaba revelando a origem da bifurcação ôntico-ontológica da verdade, na medida em que o Da-sein – enquanto transcende para o mundo – constitui o horizonte ontológico já sempre suposto em todo aparecer dos entes. Ora, daí se resulta, também, a confirmação do postulado-interrogativo heideggeriano de que bem antes há o ente e não o nada.

Às propriedades constitutivas do Da-sein, Heidegger denomina “existenciais”. Correspondem ao conceito de “categorias”, nas metafísicas da tradição. Mundo é uma característica do Da-sein – um existencial; portanto dizer que o homem está no mundo não é o mesmo que dizer que à água está dentro da taça, ou que a taça está dentro da

cozinha, por exemplo. Enquanto o Da-sein tem mundo, ou, é formador de mundo, os outros entes são intramundanos, ou, “pobres em mundo”.

Em suma, pode-se concluir que mundo é a descrição fenomenológica do existir cotidiano como ocupação com utensílios em um determinado mundo ambiente (*Umwelt*).

§4. Heidegger considera, assim, os entes a partir de sua instrumentalidade/utensilidade, e não como entes que subsistem por si mesmos, ou que estão “diante de”. Esse novo estatuto empregado na definição da coisa em si mesma, vincular-se-á ao modo de ser do Da-sein, o qual se dá pela ocupação (*Besorgen*) e é constituído a partir dos diversos modos de ser-instrumento que os entes assumem no cotidiano.

Os entes são concebidas, assim, como ferramentas instrumentais da relação característica de ser-no-mundo pertencente ao homem. Ou seja, a definição de caneta, por exemplo, vincula-se à relação que “as canetas” possuem com o instrumento da escrita, na existência cotidiana do Da-sein. O modo de lidar com o instrumento, dessa forma, é o que define o que o ente é.

§5. O ente passa a ser concebido a partir de sua manualidade, e não mais por estar disposta “diante de”, na medida em que o seu ser é aquilo que já está sempre à mão.

§6. Evidencia-se, nesse horizonte, que não urge mais, no processo cognitivo dos entes, buscar a sua essência para defini-los. Não há essência a ser buscada, na medida em que os entes estão vinculados ao modo de ser-no-mundo do homem, que por desde sempre ter-que-ser (existir como lançado), se dá como ser-para (*zu-sein*), no sentido de estar ocupado, manifestando, assim, o caráter existencial da essência deste ente privilegiado que o Da-sein é. A compreensão das coisas, portanto, passa pelo próprio modo de ser do Da-sein.

§7. Importante pontuar que Heidegger mostra que o Da-sein está já sempre ocupado existindo em seu cotidiano. Ou seja, o modo de ser da ocupação (*Besorgen*), revela que o Da-sein está cotidianamente fazendo “coisas”. Neste operar com os entes, que se dá pelo modo de ser do instrumento, o Da-sein manifesta a manualidade do mundo como vetor fundamental da apreensão da realidade. Os instrumentos, em outras palavras, são aquilo que é mais familiar ao Da-sein, vez que ao manuseá-los o Da-sein existe.

§8. A manualidade, ou, o modo como o Da-sein lida com o instrumento, é aquilo que lhe é mais próximo. Dar conta disso é dar conta do ser

dos entes intramundanos. Dito de outra forma, a manualidade revela ao Da-sein a cotidianidade do que lhe é mais próximo. O manuseio dos instrumentos é a essência (*das wesen*) do ente, ou, o que o define. A familiaridade na ocupação se dá pelo uso da “coisa” (ente). Quando estamos escovando os dentes, por exemplo, ou, tomando café, não há qualquer mediação teórica no sentido de possibilitar cognitivamente essas experiências. Isto é, não reconhecemos a escova-de-dente ou a xícara de café porque os olhamos, porém, porque os utilizamos é que se torna possível qualquer predicação a seu respeito.

§9. Utilizando as palavras de Foucault, ao comentar à “analítica da finitude”, “os conteúdos da experiência são já sua própria condição” (2002, p. 469). Dessa forma, o que caracteriza o ente não é o material que o constitui, mas o emprego dele realizado pelo Da-sein. Como precisamente observa Hebeche,

A pergunta pelo que constitui um instrumento já pressupõe seu domínio, isto é, sem esses instrumentos não poderíamos responder sobre o material de que são constituídos; aliás, uma resposta deste tipo diria respeito aos entes intramundanos e nos desviaria precisamente do fenômeno do mundo. Portanto, a instrumentalidade do instrumento não é obtida por nenhuma teoria como se antes de dominar o instrumento se pudesse explicar como ele funciona; ao contrário, o modo genuíno de um instrumento é o lidar com ele. Ou seja, não se pode destacar o instrumento para mostrar como se lida com ele, pois só se pode usá-lo como exemplo quando já se domina o instrumento. Ou seja, o modo genuíno do instrumento é pré-temático, como o modo como se usa o martelo ou a tesoura, o desempenho não depende da explicação da estrutura do martelo, mas do martelar o martelo, ou da habilidade em costurar ou recortar usando a tesoura. Quanto menos colocarmos o “olhar externo” ao martelar, mais destros seremos no emprego deste instrumento, isto é, maior será nossa familiaridade com ele. A familiaridade não é dada pelo reconhecimento, mas pelo lidar com o instrumento: o manuseio do martelo. O martelo não é reconhecido por estar diante de nós, mas porque o manuseamos, isto é, só se reconhece um instrumento pelo

olhar porque antes se o manuseia. O manuseio é o modo de ser do instrumento. O manuseio do instrumento é a “manualidade” (*Zuhandenheit*) (Hebeche, 2008, pp. 5-6).

Poderíamos pensar hipoteticamente, na seguinte circunstância: caso dois sujeitos que nunca tivessem tido contato com um objeto como um martelo, por exemplo, passassem cinco anos se relacionando de dois modos diferentes com esse objeto. O sujeito “A” passaria o tempo todo manuseando o martelo, enquanto que um sujeito “B” passaria os cinco anos estudando teoricamente o “como” martelar. A pergunta que resultaria, ao final desse tempo, é qual dos dois sujeitos saberia lidar melhor com o referido objeto? Heidegger responderia, tranqüilamente, que o sujeito “A” o conheceria melhor, vez que a relação prática é essencial ao conhecimento do aspecto “ferramental” do objeto. Assevera, Hebeche que:

O manuseio de um instrumento é o que caracteriza sua serventia, ou seja, o “para que...” serve o instrumento. Com isto Heidegger tenta eliminar tudo aquilo que se interpõe à sua originalidade, aquilo que se distancia do modo de ser do instrumento para “visualizá-lo” – a teoria, a contemplação, etc. Pois, por mais que se observe um instrumento (ou uma totalidade deles) jamais se dará conta do lidar com ele, pelo contrário, perde-se o modo originário do manuseio: À visualização (*hinsehende Blick*) puramente “teórica” das coisas falta uma compreensão da manualidade (*Zuhandenheit*) (SZ, p.69)” (Hebeche, 2008, pp. 5-6).

§10. A não mediação teórica não torna carente de unidade o todo estrutural complexo que se constitui os diferentes modos de ser do instrumento. Heidegger elucidou com o fenômeno da “remissão” a organização conjuntural das coisas. Assim, a remissão é o que conecta os diversos instrumentais que se referem a um determinado instrumento, aparecendo no próprio manuseio que o Da-sein faz desses instrumentos. A sala onde estamos agora, dessa forma, é uma totalidade de mesas, cadeiras, janelas, canetas, e não o somatório desses instrumentos com suas funções particulares, na medida em que as atividades que envolvem esses instrumentos uns



---

aos outros é o que constituem a sala a qual nos encontramos.

§11. O que o Dasein manuseia, dessa forma, não são objetos que poderiam subsistir por si mesmos, na medida em que os manuseia como utensílio. Tampouco poderiam ser concebidos teoricamente, vez que se afastariam desse manuseio.

§12. Heidegger elucida, ainda, que o todo complexo de instrumentos está dirigido para a “obra” (Werk). A despeito de nem todos os instrumentos estarem ocupados com a obra, ela além de possuir certa prioridade, confere conexão entre os instrumentos utilizados. Assim, por exemplo, sabonete, xampu, toalha, chuveiro, são manuseados para tomar banho. Da obra, portanto, manifestam-se os entes meramente subsistentes.

§13. Tematizar as diferentes maneiras de ocupação (lidar com os entes intramundanos) equivale a mostrar como “se dá” (*es gibt*) mundo, e isto significa passar da dimensão ôntica dos entes intramundanos para a ontológica. O mundo “se dá” nas possibilidades ontológicas que o Da-sein em suas ocupações já sempre tem e através delas abre caminho acerca do seu modo de ser.

§14. Importante destacar, acerca dos entes simplesmente presentes (*vorhandenheit*), que o utensílio ao não mais ser manuseado “vira” um ser simplesmente dado. Isto é, por exemplo, quando uma taça é quebrada, passamos a não mais enxergá-la como uma taça, vez que sua essencial função instrumental de “portar o vinho” restou impossibilitada.

§15. Com a manualidade dos instrumentos percebeu-se que esses não têm seu acontecer observado de forma isolada. O conjunto das remissões se dá como um todo estrutural e se encontra vinculada à totalidade instrumental.

### Zuhandenheit

para alimentar: hashi ou garfo  
para matar: revólver ou flecha no arco  
para desenhar: traço ou entalho  
para guardar: ânfora ou tarro  
para soar: violino ou chocalho  
para cortar: serra ou machado

em todas as culturas de todos os povos de todos os tempos  
o regular tamanho da mão em seus movimentos:  
mais universal que a Razão e seu cogito, ergo sum

nos trabalhos da mão, nosso Mínimo Músculo Comum.

Marcus Fabiano Gonçalves, O Resmundo das Calavras.

## NOTAS

\* Mestrando em Filosofia na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Email: jaymeanao@hotmail.com

<sup>1</sup> Ao amigo Felipe Pimentel.

<sup>2</sup> A analítica existencial revelará que o modo de ser do homem é no mundo. Ser-no-mundo é o *como* do homem e a tarefa da filosofia explicitar as condições de possibilidade desse acontecer do homem que, desde sempre, dá-se no mundo. Vislumbra-se a idéia de que mundo, na analítica existencial, opõe-se radicalmente à idéia de somatório dos entes - como na metafísica da tradição. Mundo é a nossa condição de possibilidade enquanto ser humano que somos. Não podemos pensá-lo, assim, em separado do homem, como a lógica dos objetos o fez, na medida em que sempre nos movimentamos na compreensão do ser – compreensão essa que só é possível no mundo. Neste sentido, afirma Ermildo Stein que “O universo da justificação filosófica refere-se sempre à idéia de mundo. Aí, as justificações lidam com algo que não está explicitado, a saber, que na idéia de mundo está implícito algo que é mais do que simplesmente um somatório de objetos que cabe logicamente, socialmente. É nesse sentido que há nesse mundo, numa espécie de recorte de materiais que são trabalhados historicamente, as construções pressupõem um a priori, uma condição de possibilidade, uma dimensão de transcendentalidade que não é própria delas, das construções, mas que é o universo onde elas se fundamentam.” STEIN, Ermildo. “Mundo Vivido e Ser-no-Mundo: Dois Paradigmas” in *A Caminho de uma Fundamentação Pós-metafísica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997, p. 142.

## REFERÊNCIAS

BLANC, Mafalda Faria. **O Fundamento em Heidegger**. Lisboa: Instituto Piaget, s/d.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

HEBECHE, Luiz. **Remissão e Sinal: Ensaio sobre “Ser e Tempo”**. Disponível em <http://www.cfh.ufsc.br/~nim/remissao.pdf>. Acesso em 12/06/2008.

HEIDEGGER, Martin. **Ser Y Tiempo**. (Traducción, prólogo y notas de Jorge Eduardo Rivera Cruchaga) Santiago: Editorial Universitaria, 1997.

\_\_\_\_\_. **Ser e Tempo. (Parte I)**. Petrópolis: Vozes, 2002.

STEIN, Ermildo. **A Caminho de uma Fundamentação Pós-metafísica**. Porto Alegre: Edipucrs, 1997.

\_\_\_\_\_. **Seis Estudos sobre Ser e Tempo**. Petrópolis: Vozes, 1988.